



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
BACHARELADO EM TEOLOGIA

DIVINO CARVALHO DIAS

SACRAMENTOS: MANIFESTAÇÃO DE CRISTO NA VIDA DA IGREJA

Anápolis-GO
2015

DIVINO CARVALHO DIAS

SACRAMENTOS: MANIFESTAÇÃO DE CRISTO NA VIDA DA IGREJA

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado à Faculdade Católica de
Anápolis no curso de bacharelado em
Teologia na disciplina TCC II sob a
orientação do Professor Dr. Fr. Flávio
Pereira Nolêto, O.F.M.

Anápolis-GO
2015

FOLHA DE APROVAÇÃO

DIVINO CARVALHO DIAS

Sacramentos: Manifestação de Cristo na vida da Igreja

Trabalho de Conclusão de Curso defendida no curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Católica de Anápolis, para a obtenção do título de Bacharelado, aprovado em 8 de junho de 2015, com nota 8,5 avaliada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Fr. Dr. Flávio Pereira Noieto . OFM

Prof.

Presidente da Banca

Pe. Dr. Françoá Costa

Profa. MS Maria Inácia Lopes

Pe. Fábio Aparecido Barbosa

Prof.

Membro titular interno

Dedico este trabalho ao povo de Deus, ao qual desejo servir durante toda a minha vida. Aos meus amigos, presenças constantes de Deus na minha vida, e à minha família, em especial a minha mãe Leonice Domingos de Carvalho Dias (*in memoriam*) e meu pai João dos Reis Dias. Pois são neles e por eles que, a cada dia, procuro primeiramente, sentir a presença de Deus.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, presença constante e atuante em minha vida.

Aos meus pais, que na simplicidade de amar e na disponibilidade do servir, foram e são verdadeiras presenças de Deus em minha vida, aos meus irmãos Manoel e Tatiele que nos pequenos gestos se mostram verdadeiros amigos, a minha estimada madrinha Rozedália e minha tia Maria, por me motivarem a permanecer firme no chamado que Deus me fez. Aos meus caros amigos e colegas, e a Dom Guilherme e Dom Waldemar por terem me ajudado a permanecer em pé quando as coisas foram difíceis e a todo o povo de Deus.

“A natureza intelectual da pessoa humana encontra e deve encontrar a sua perfeição na sabedoria, que suavemente atrai a mente do homem na busca e no amor da verdade e do bem, e graças à qual ele é levado por meio das coisas visíveis até às invisíveis.”

(Gaudium et Spes).

RESUMO

Este trabalho iniciou com a busca de entender a origem, definição e compreensão do termo sacramento. Percebe-se que esta definição, encontra maior significado no contexto bíblico, onde partindo do termo *mysterion*, que é encontrado poucas vezes na Sagrada Escritura, se chega à compreensão de que os sinais visíveis das 'Maravilhas de Deus', são sinais sacramentais, pois ali de modo visível, por meio de homens e acontecimentos Deus se faz presente. Esta definição retomada no contexto do Vaticano II, permite a muitos Teólogos refletirem, sobre a Igreja como sacramento de Cristo, Ele que é O sacramento do Pai. E por meio dos sacramentos da Igreja, que são atos de Cristo, encontramos num gesto ritual, que não é simplesmente rito, mas, o lugar por excelência do encontro do homem com Deus.

Palavras-chave: *Mysterion*, *Sacramentum*, Igreja Sacramento de Cristo, Sacramentos da Igreja, Maravilhas de Deus.

SINTESI

Questo lavoro è iniziato con la ricerca per capire l'origine, la definizione e la comprensione del sacramento termine. Si ritiene che questa definizione è più significativo nel contesto biblico, in cui la parte mysterion termine, che si trova raramente nella Sacra Scrittura, per quanto riguarda la realizzazione che i segni visibili di 'Dio delle meraviglie' sono i segni sacramentali, in quanto ci visibilmente, per mezzo di uomini e gli eventi Dio è presente. Questa definizione utilizzata nel contesto del Vaticano II, permette molti teologi riflettere sulla Chiesa come sacramento di Cristo, che è il sacramento del Padre e attraverso i sacramenti della Chiesa, che sono atti di Cristo che si trovano in un gesto rituale, che rito non è semplice, ma il luogo per eccellenza di incontro dell'uomo con Dio.

Parole chiave: Mysterion, Sacramentum, SacramentoChiesadi Cristo, i sacramentidellaChiesa, Meravigliedi Dio.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	121
1-ORIGEM, DEFINIÇÃO E COMPREENSÃO DO TERMO SACRAMENTO	143
1.1- DEFINIÇÃO DO TERMO SACRAMENTO	143
1.2- MYSTERIO NO ANTIGO TESTAMENTO	165
1.3- MYSTERIO NO NOVO TESTAMENTO	187
1.4- BREVE ABORDAGEM HISTÓRICA DOS SACRAMENTOS	221
2-PENSADO OS SACRAMENTOS A PARTIR DO VATICANO II	26
2.1- IGREJA SACRAMENTO DE CRISTO.....	29
3 - SACRAMENTOS DA IGREJA	35
3.1 - A IGREJA CELEBRA E FAZ OS SACRAMENTOS	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	Erro! Indicador não definido.0
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é proporcionar uma reflexão sobre os sacramentos a fim de que sejam mais compreendidos. Os sacramentos são atos de Cristo na Igreja, que é também compreendida como 'sacramento de Cristo'. Por meio da Igreja vemos e encontramos Cristo que se faz presente em nosso meio, com seu amor e doação em favor da vida, realização e salvação de cada homem.

Existem dificuldades de se entender e viver os sacramentos como algo sagrado e como ritos, que não são simplesmente lembrança do passado, muito menos atos de caráter supersticioso são realidades sagradas em que Cristo realiza e comunica sua graça salvadora, capaz de transformar o homem e a realidade. Essa reflexão não é obra de um ou outro autor, mas verdade que a Igreja, ao logo da sua atuação vai percebendo e anuncia a todos.

No primeiro capítulo mostra-se de maneira breve o surgimento do termo sacramento: deriva do termo *mysterion*, que remete ao termo *sacramentum*. Pelo que tudo indica, não há outro termo que melhor possa traduzir o que os sacramentos são e realizam. Esses dois termos estão ligados ao sentido sagrado de vários ritos religiosos. Remetem ao mistério escondido no sagrado que leva o homem a experimentar no visível a força do invisível, uma realidade que faz e diz o que significa. Nesta lógica, tenta-se mostrar, a partir do contexto bíblico, que as maravilhas de Deus, ao longo da história, são acontecimentos visíveis que revelam a graça, o amor e o poder do invisível, que é Deus.

No segundo capítulo, entra-se no ponto mais forte, onde se discorre sobre a lógica do pensamento atual; Cristo é apresentado como sacramento do Pai, e a Igreja, como sacramento de Cristo. Por fim, no terceiro capítulo, buscou-se fazer uma reflexão dos sacramentos como gestos de Cristo na Igreja, e mostrar que nas celebrações realizadas pela comunidade Corpo de Cristo, os gestos e sinais manifestam uma realidade cheia de significado e sentido. O que ali se realiza é capaz de influenciar a vida dos que recebe e também daqueles que estão ao seu redor, pois os gestos da Igreja são gestos

e ações visíveis de Cristo, que, no invisível, se faz presente e atuante na Igreja em favor de toda a humanidade.

Este trabalho teve como referência Bruno Forte, ele dá uma ótima base para mostrar a sacramentalidade de Cristo e a sacramentalidade da Igreja, juntamente com Schillebeeckx e Rocchetta. Por fim, para apresentar os sacramentos como realidade que tem sentido na Igreja, a base foi Francisco Taborda.

1. ORIGEM, DEFINIÇÃO E COMPREENSÃO DO TERMO SACRAMENTO

Deus, com seu imenso amor destina a criatura racional a um fim que excede as forças naturais: participar da própria vida de Deus, unir-se a Ele. Seguindo essa lógica, da mesma forma que Deus favorece no plano material que os seres cumpram sua finalidade, o mesmo ele faz na vida espiritual de maneira que o homem possa chegar ao seu fim sobrenatural.

Nesse caminho é oferecido pelo Senhor a “graça e as virtudes infusas dela derivadas” (SADA; MONROY, 1991, p. 13). Essa graça emana de Jesus Cristo, que por meio de sua paixão e morte, nos alcançou de Deus, por ação do Espírito, a salvação e remissão do homem. Para se alcançar essa graça, cabe ao homem buscá-la em quem a possui, ou seja, Jesus Cristo. Isso se torna possível no tempo e no espaço, mediante a Igreja, pois a ela foi confiada essa missão, que é sinal da presença de Cristo. Por sua vez, a Igreja é depositária dos sacramentos, meio eficazes de atuação da graça de Deus.

Quando se fala de sacramento, há um consenso comum em dizer que são sinais visíveis da graça invisível que brotam do mistério pascal de Cristo. Boa definição, mas, ficam algumas perguntas pendentes: Esses sinais provocam no homem o que realmente significam? Os homens assumem na verdade essas graças, frutos dos sacramentos? Existe uma compreensão clara a respeito do que realmente são os sacramentos? Será que compreendem que a Igreja é portadora dessa graça? Que é ela que dispensa os sacramentos como missão dada pelo próprio Cristo?

1.1- DEFINIÇÃO DO TERMO SACRAMENTO

O termo sacramento vem do termo grego *mysterion*, que é traduzido para o latim *sacramentum* usado pela Vulgata. Segundo Lacoste, o uso do termo '*mysterion* é relativamente raro no Antigo Testamento (uns quinze exemplos)', já o uso no Novo Testamento é dado principalmente pela literatura apocalíptica judaica que apresenta o termo umas 28 vezes. Como se vê, o uso

desse termo na Bíblia não é tão frequente. Porém, as poucas vezes em que ele aparece, sugere contextos ricos de indicação aos sacramentos.

De acordo com Monloubou (Cf. MONLOUBOU, 1996), o termo *sacramentum* corresponde mais ou menos ao termo grego *mysterion*, porém, não totalmente o termo mistério corresponde a esses dois termos. O termo *Mysterion*, normalmente, designa diversas realidades: realidades divinas inacessíveis ao homem, gestos humanos privilegiados, sobretudo gestos rituais, os quais fazem as graças divinas serem perceptíveis.

É consenso para vários teólogos, a origem do termo *sacramento* de derivação do grego *mysterion*. Eicher (Cf. EICHER, 1993) também concorda que o conceito *sacramentum* procede do conceito pré-cristão *mysterion* (mistério). Esse termo, usado no plural pelos gregos, era traduzido por cultos secretos em relação à religião que seguiam. Era uma prática comum nos grupos de iniciação, que ofereciam, mediante participação ritual no destino dos deuses, comunhão na vida, fecundidade, felicidade e salvação. Essas ações comunicam também, em alguns cultos, a iluminação espiritual, o renascimento anímico, como também a incolumidade na passagem após a morte no mundo inferior.

A esse respeito o teólogo Franz-Josef NOCKE diz:

Com o vocábulo latino *sacramentum* se reproduz, com frequência (porém não sempre), desde as antigas traduções latinas da Bíblia, o vocábulo grego *μυστηριον* (*mysterion*). Ambos os termos têm uma longa histórica na tradição cristã, no decurso da qual seu significado se modificou sensivelmente: desde o amplo espectro de significação na Bíblia e nos Padres da Igreja até a definição bem mais restrita do conceito de sacramento na Escolástica primitiva (NOCKE, 2009, p.172).

Esses dois termos, ao longo da história, foram tomando o sentido que temos hoje, e, segundo Nocke (cf. NOCKE, 2009), não existe outro termo que defina o que desde a Escolástica se chama de sacramento. Vejamos com mais detalhes como ele aparece no contexto bíblico e histórico.

1.2- MYSTERION NO ANTIGO TESTAMENTO

No que diz respeito à noção de sacramento que brota dos fundamentos bíblicos, uma coisa se faz necessária para nos ajudar em nossa reflexão: entender o pensamento sacramental.

Com 'pensamento sacramental' quer-se expressar a convicção de que a história de Deus com os homens acontece em eventos, em atos e encontros historicamente constatáveis: esses se tornam sinais da proximidade de Deus. Neles Deus se "mostra aos homens, e neles se aproxima deles, transformando-os" (NOCKE, 2009, p 174).

Nesse caminho, como se percebe no Antigo Testamento, podemos entender a ideia sacramental no contexto bíblico como sinais de Deus. Assim, pode-se presumir que a revelação ali acontece através de sinais, pelos quais Deus se mostra aos homens se tornando próximo, ajudando-os a modificar suas vidas. Mas uma coisa, segundo Fernandez e Maldonado é verdade, "o uso do termo *mysterion* é raro no Antigo testamento" (FERNANDEZ; MALDONADO, 1990, p. 247).

Entretanto dentre esses acontecimentos, podemos nos lembrar de "Um evento historicamente constatável (a fuga bem-sucedida, a travessia do mar, a constituição de Israel em povo de Deus) se tornando uma decisiva experiênciade Deus para Israel" (NOCKE, 2009, p. 174). Deus escolhe esse povo e muda a vida dele salvando-o e libertando-o. Por meio desse sinal, Deus se revela presente na história do seu povo de maneira concreta, mas por meio de um sinal eficiente.

Nos profetas, muitos gestos simbólicos podem nos levar a entender a estrutura sacramental. No gesto efetivado pelos profetas, diante da realidade que se quer expressar, existe uma ligação profunda, de tal maneira que, através da ação se percebe, a eficiência do que se deseja ali comunicar.

Entre o gesto simbólico e a realidade que se quer expressar existe, por assim dizer, um 'elo de ligação sacramental'. O gesto profético [...] não é apenas um meio de expressão, mas ação carregada de acontecimentos; não apenas um sinal expresso, e, sim, um ato eficiente (FOHRERapud NOCKE, 2009, p. 175).

Para Nocke (cf. NOCKE, 2009) isso fica claro em algumas situações, como quando Elias joga seu manto sobre Eliseu, fazendo com que ele se torne seu discípulo (1Rs 19,19-21). Da mesma maneira acontece o casamento de Oseías com a prostituta, mostrando assim a atitude de Deus, que retoma seu povo infiel (Os 3,1-5) e ainda muitos outros gestos mostram essa realidade que, por meio de símbolos, traz em si uma realidade muito maior e eficiente.

Numa análise mais detalhada se pode verificar que essa interpretação sacramentária pode ser encontrada em toda a história de Israel. É possível constatar “Nos processos políticos de saída da escravidão, instituição da Lei, tomada da terra e retorno do exílio desenvolve-se uma história com Deus que liberta, institui uma ordem de vida, dá a terra, perdoa e possibilita um recomeço” (NOCKE, 2009, p. 175). Para ele todos esses acontecimentos, mesmo os piores, como a deportação para o exílio podem ser sinais da proximidade de Deus.

Ainda se faz necessário outra análise acerca do Antigo Testamento, mais especificamente no período helenista. Nesse período se tem uma presença do *mysterion* mais no sentido filosófico e profano do que no sentido cultural. Nesse contexto encontra-se na Sabedoria de Salomão a seguinte afirmação: “Eles ignoram os segredos de Deus” (Sl2, 22). De acordo com EICHER (1993) é Javé que se comunica como superior ao destino e permanece desconhecido aos que servem aos deuses. Esse mesmo autor também se refere a (Dn2, 28ss) onde o mistério é apresentado como realidade escatológica, ou seja, o destino é anunciado de maneira secreta e é ali revelado em sua maior parte por visão apocalíptica.

E assumindo uma visão mais ampla, Nocke (cf. NOCKE, 2009) sugere que toda a criação pode também ser entendida nessa linha de pensamento como sinal de seu Senhor, e em especial o homem, criado à Imagem de seu Senhor.

1.3- MYSTERION NO NOVO TESTAMENTO

O termo *mysterion* usado no contexto neotestamentário, deve ser visto em consonância com o uso na cultura grega e apocalíptica.

No grego, *mysterion* tem a ver, de antemão, com culto. O radical (my) significa o fechar dos olhos ou da boca: reação a uma experiência que foge do pensamento discursivo, que não se pode formular em palavras (NOCKE, 2009,p. 172).

Já no que diz respeito à apocalíptica, segundo Nocke (cf. NOCKE, 2009) os mistérios são a origem da realidade oculta, transcendental daquilo que será revelado no plano divino dos acontecimentos futuros, que foram revelados em experiências extraordinárias e transmitidos somente em figuras.

Nos Sinóticos, como relata Adriano (cf. ADRIANO, 2011), o vocábulo mistério é encontrado constantemente se referindo ao Reino de Deus, que se dá em Jesus. Em Marcos podemos ver que somente aos Doze é dada a graça de conhecer esse mistério que está ligado à Vinda do Reino, e aos pagãos é deixado de maneira oculta. “A vós foi dado conhecer o mistério do Reino de Deus” (Mc 4, 10).

Estas palavras se referem sem dúvida a Cristo – o mistério do Reino por antonomásia –, que foi dado gratuitamente aos discípulos que o receberam, enquanto os de fora não entendem, porque só dispõem da *letra* das parábolas; não tem a *realidade* de Cristo, revelado para eles pela superfície exterior – a letra – das parábolas. (BELLOSO, 2008, p. 43).

NOCKE (2009) relata que o sinal de Deus no Novo Testamento é sem dúvida alguma Jesus Cristo, que, por meio de suas palavra e obras, fica claro aquilo que Deus faz no homem. Esse teólogo mostra que nos Sinóticos, constantemente, encontramos determinados atos de Jesus que possuem caráter sacramentário, como quando ele toca no leproso, e este é curado (Mc 1,41), quando chama a mulher encurvada e coloca as mãos sobre ela, e é curada (Lc 13,13), “desse modo corporal-concreto Deus se volta para os homens” (NOCKE, 2009,p. 172). Com isso é possível encontrar nos atos de Jesus não mera representação, mas em cada ação acontece o que o ato significa, “Se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus já chegou a vós” (Lc 11,20).

Em Mateus e Lucas o termo mistério é usado no plural, porém esses dois evangelistas e, além deles, Marcos, dão destaque ao mistério como algo escondido, enigmático: o 'Reino de Deus'. Este é para os discípulos puro dom de Deus, que é comunicado por meio de Jesus Cristo. No que diz respeito ao plural, este pode estar se referindo aos desígnios de Deus que foram anunciados no Antigo Testamento, realizados por Jesus e interpretados pelos discípulos (cf. ADRIANO, 2003).

Como ainda relata o autor (cf. BELLOSO,2008), esse mistério carrega algo muito especial e, é percebido quando se crê e tem fé. Isso se dá por meio de uma fé simples que se vai crescendo, e, na medida em que o receptor vai acolhendo-a, cresce a manifestação do mistério. Isso é claro na oração de Jesus: "Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e doutores e as revelastes aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado" (Mt 11,25).

Essa realidade acima afirmada, em hipótese alguma quer demonstrar um Deus que brinca de esconde-esconde, mas antes de tudo, que os poderosos são preocupados com as coisas mundanas e nelas investem toda sabedoria e força. Permanecem assim, cheios de si, de maneira tal que se perdem, não conseguindo se concentrar no que é essencial. Já os pobres e simples se abrem a Deus pela fé, e, como sedentos, recebem de Deus o que Ele quer dar a todos (cf. BELLOSO, 2008).

NOCKE (2004) afirma que no Evangelho de João, os grandes feitos de Deus são apresentados como sinais. Essa compreensão de sinal ultrapassa a compreensão dos textos sinóticos. Em João, Jesus aparece como o grande Sinal de Deus, "Ninguém jamais viu a Deus: o Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o deu a conhecer" (Jo 1,18). João 1,14 narra que, em Jesus, Deus se corporificou e fez sua morada juntos aos homens.

Essas reflexões vão ajudando a ter uma compreensão mais clara a respeito dos sacramentos, pois por meio delas, podem-se entender os sacramentos como algo que vai muito além de argumentos logicamente colocados. O termo sacramento substitui o termo *mysterion*. Esse

termonatradição cristã foi definindo o significado cultural de sacralidade. Por ser extraordinário, e se refere ao segredo, é um mistério que precisa ser revelado.

Nisso se tira uma definição de sacramentos enquanto sinais sagrados, que manifestam a bondade de Deus de maneira indizível e experimentável. Partindo-se daí, torna-se possível que nos refiramos à revelação divina no Novo e Antigo Testamento como sinais da manifestação, revelação e salvação de Deus na vida da humanidade. Jesus faz essa obra acontecer e se prolongar plenamente na história por meio dos seus discípulos. Com isso o *mysterio* vivido na comunidade cristã como sacramento, prolonga a salvação de Cristo na humanidade inteira.

Entre os discípulos da comunidade pós-pascalos sinais continuam: 'em meu nome expulsarão demônios, [...] e os enfermos aos quais impuserem as mãos serão curados' (Mc 16,17s; cf. Tb. V. 20). [...] por meio de 'milagres e sinais' Deus aprovou a Jesus (At 2,22), e agora acontecem 'milagres e sinais' 'por meio das mãos dos apóstolos' (At 5,12; cf. At 2,43; 8,13; 14,3; 15,12) (NOCKE, 2009, p. 176).

Na literatura Paulina é possível encontrar um imenso conteúdo que contribui com essa reflexão. A esse respeito, Adriano (cf. ADRIANO, 2011) nota que o termo Mistério é encontrado 21 vezes ao logo dos escritos paulino.

Em Paulo, a realidade apocalíptica é muito viva em algumas passagens. Um exemplo é quando ele fala da transformação que teremos com o evento da *parúsiade* Cristo (1Cor 15,51). De acordo com Nocke (cf. NOCKE, 2009), essas passagens devem ser entendidas com o mesmo sentido de *mysterion*.

No Novo Testamento, como se tem verificado, a expressão *mysterion* tem uma concentração no evento crístico. Com esse acento, São Paulo, em outros textos, deixa claro que Cristo é o grande mistério. Isso ainda é mais visível quando é apresentada a relação de amor santificadora de Cristo para com a Igreja, numa semelhança com o amor entre um homem e uma mulher, numa entrega de si (Ef 5,32). Nessa linha de raciocínio, se chega à conclusão de que "o mistério de Deus é Jesus Cristo – esse mistério se torna presente na comunidade em que Jesus Cristo é anunciado" (NOCKE, 2009, p. 174).

Segundo Paulo, o mistério de Deus é o acontecimento-Cristo e a ação salvífica de Deus Pai nele, manifestada e realizada na plenitude

dos tempos. O mistério esta em Deus e continua a realizar-se no mundo, com a eficácia e a sabedoria da cruz, dando origem à história da salvação, ainda não consumada: [...] o mistério escondido desde os séculos e desde as gerações, mas agora manifestado nos seus santos. A estes quis Deus tornar conhecida qual é entre os gentios a riqueza da gloria deste mistério, que é Cristo em vós, a esperança da glória! (Cl 1,26-27) (FERNANDEZ; MALDONADO, 1990, p. 247).

Desse modo podemos, conforme relata Adriano(cf. ADRIANO 2003), perceber que em Paulo o mistério é apresentado como o evento da crucifixão e glorificação de Cristo (1 Cor 2,7). Tal acontecimento marca o início da nova humanidade, que é orientada para Cristo, e este, por sua vez, é orientado ao Pai. Esse relato mostra a novidade absoluta na história da humanidade.

Em outro momento o mistério ainda é apresentado como anúncio profético da salvação que se dá em Cristo, e isso podemos perceber na carta de São Paulo a Timóteo. “Seguramente, grande é o mistério da piedade: Ele foi manifestado na carne, justificado no Espírito, aparecido aos anjos, proclamado às nações criado no mundo, exaltado na gloria” (1Tm 3,16).

O mistério é também apresentado como dons a serem administrados pelos discípulos (1 Cor 4,1) a estes é confiado um serviço que tende a chegar a todos os homens. Refere-se especialmente ao Batismo e à Eucaristia, pelo menos implicitamente.

Ainda conforme Adriano(Cf. ADRIANO, 2011), o mistério no Novo Testamento tem uma característica unitária, de um desígnio salvífico de Deus operante na profundidade da história, num plano do amor de Deus que se dá da eternidade até o tempo da Igreja, na esperança da *parusia*. Esse mistério é ação criadora e salvadora de Deus, que é realizada em Cristo e se dá na Igreja em favor da humanidade. Esse mistério está escondido em Deus desde sempre, e aos homens é revelado e compreendido progressivamente.

1.4 - BREVE ABORDAGEM HISTÓRICA DOS SACRAMENTOS

Segundo Adriano(Cf. ADRIANO, 2011), na tradição latina do século III ao VI, ao ser assumido o termo *sacramentum* com a mesma equivalência do termo *mystérion*, introduz-se uma separação entre economia da salvação e ato sacramental, pois o termo *mystérion* aí é adaptado inicialmente por *mysterium*, e isso é feito sem conservar o sentido teológico original. Sendo assim a partir daí, sobressai o termo *sacramentum*, que para os latinos deriva de sagrar, consagrar com uma profundidade que se pode entender o ato de consagrar indicando a realidade consagrada.

Ainda conforme Adriano(Cf. ADRIANO, 2011), Tertuliano, para se referir aos ritos celebrativos cristãos, ao traduzir *mystérion*, utiliza pela primeira vez o termo *sacramentum*. Tal termo era comumente usado para se referir ao equivalente juramento, consagração, etc. Por outro lado, no que se refere ao uso grego de *mystérion* entendido como símbolo, alegria, plano divino, disposição, tem o sentido de algo secreto. Deste modo, para Tertuliano, o *mysterium* se refere sempre à realidade oculta no sinal visível e *sacramentum* é a forma visível expressa no rito.

Na patrística, os sacramentos eram entendidos como experiência. Os padres gregos os entendiam como uma expressão do mistério salvífico que se dá na história e se realiza na Igreja. Os padres latinos os entendiam como mistério e sinal visível que tem a graça escondida: “Ser humano e mundo são interpretados de tal maneira que uma realidade é símbolo de outra realidade” (NOCKE, 2009, p. 179). A respeito da teoria dos sinais, sintetizando a compreensão patrística, Agostinho parte da distinção que existe entre *res* (coisa) e *signum* (sinal), com isso ele esclarece:

Coisas no verdadeiro sentido são as que não existem para designar algo, mas representam a si mesmas, como madeira, animal e semelhantes. Sinais, porém, sempre apontam para algo diferente. Ao lado disso, porém, existem também coisas que existem em si e que são, ao mesmo tempo, sinais para outras coisas (AGOSTINHO *apud* NOCKE, 2009, p. 180).

Nesse contexto, Agostinho esclarece o conceito de sacramento como sinais sagrados, pois eles apontam para uma realidade que está além do sinal, ou seja, que remete para o sagrado. A esse respeito, entende-se que: “Sacramentos são ‘sinais dados’. São denominados ‘sinais sagrados’ (*signa sacra*) porque apontam para uma realidade sagrada. Por meio das coisas visíveis a pessoa crente é conduzida às realidades invisíveis” (NOCKE, 2009, p 181). A esse respeito, o teólogo Urbano Zilles, ao interpretar Agostinho, descreve que “sinal sacramental indica duas coisas: a) uma posição já realizada no homem, sem a qual não teria sentido a celebração do sacramento; b) a virtude salvífica (graça), que é comunicada por meio do mesmo” (ZILLES, 2001, p. 23).

Como apresenta Nocke (Cf. NOCKE 2009), Agostinho com sua teoria dos sinais como algo sagrado, teve grande influência na teologia sacramental do ocidente, onde por meio das coisas visíveis a pessoa que crer é levada a experimentar a realidade invisível. Agostinho diz que, para que essa realidade possa produzir seu efeito e o sinal assuma a realidade sacramental, a Palavra é o sinal decisivo, por ela o sinal passa a carregar toda uma realidade por traz de si. “Tira a palavra, e que é água senão simplesmente água? A palavra agrega ao elemento e ele se torna sacramento.” (AGOSTINHO apud NOCKE, 2009, p. 181). Segundo Nocke (2009), essa palavra que tem tão grande poder é a palavra de fé da igreja é a palavra de Cristo, por ela a realidade pode ser transformada e o poder salvador de Deus pode se tornar acessível aos olhos humanos.

Depois, por muito tempo, ficou-se sem novidades ou progresso teológicos a reflexão a respeito dos sacramentos, mas no século XII, conforme Zilles (Cf. ZILLES 2001), Hugo de São Victor introduz uma reflexão que apresenta a instituição dos sacramentos vinda de Cristo na definição do termo, e, para ele os sacramentos são como remédios para o homem pecador e uma pedagogia usada por Deus para redimir o homem.

Após a Patrística, veio a Escolástica¹ desenvolvendo a reflexão sobre os sacramentos mais situados no campo da doutrina e buscando definir o que realmente vem a ser sacramento. Aqui temos a grande contribuição de Tomás de Aquino que é o escolástico por excelência da sacramentologia. “Tomás de Aquino defendia a ideia da *causalidade instrumental*: os sacramentos são instrumentos (*causa instrumentalis* = causa instrumental) na mão de Deus” (NOCKE, 2009, p. 183). Nesse período, acontece o debate a respeito da eficácia dos sacramentos em si, independente da fé da pessoa, deixando claro que o sujeito da ação não é o homem. Este pode até ter uma importância na mediação, porém, quem determina a ação é Deus.

Ao definir o que é sacramentos, Tomás de Aquino começa sua reflexão mostrando, que estes devem ser vistos após entender o mistério do Verbo. “Depois de estudar os mistérios do Verbo Encarnado, devemos tratar dos sacramentos da Igreja, pois têm sua eficácia do Verbo encarnado.” (AQUINO, 2006, p. 15). Assim os sacramentos prolongam na vida dos homens os mistérios de Cristo, o salvador dos homens, o grande mistério de Deus.

Nesta linha de raciocínio, fica uma questão: os sacramentos são necessários para a salvação dos homens? Assim, os mistérios de Cristo assumidos e inseridos na vida dos homens possibilita a estes de maneira acessível alcançar a Salvação que é mérito de Cristo, a esse respeito o teólogo angélico diz:

Os sacramentos são necessários à salvação humana por três razões. A primeira provém da condição da natureza humana. É-lhe próprio proceder do corporal e sensível ao espiritual e inteligível. Ora, cabe à divina Providência prover a cada segundo sua condição e modo próprios. A sabedoria divina age, pois, harmoniosamente quando atribui ao homem os auxílios necessários à salvação sob sinais corporais e sensíveis que se chamam sacramentos. A segunda razão é tomada do estado em que de fato se encontra o homem: tendo pecado, submeteu-se às realidades corporais, pondo nelas seu afeto. Ora, aplica-se o remédio no lugar onde se sofre a doença. Era, pois, conveniente que Deus se servisse de sinais corporais para administrar ao homem um remédio espiritual que, proposto de maneira puramente espiritual, seria inacessível a seu espírito, entregue às realidades corporais. A terceira razão se propõe, tendo em vista que a ação humana se desenvolve predominantemente no âmbito da realidade corporal. Seria demasiado duro para o homem renunciar totalmente às ocupações corporais. Por isso, nos

¹O período Patrístico compreende desde o Século II ao Século V. A Escolástica, segue desde o Século V até a Idade Moderna.

sacramentos foram-lhe propostas atividades corporais que o habituam salutarmente a evitar que se entregue a atividades supersticiosas – o culto aos demônios –, ou a qualquer ação nociva como são os atos pecaminosos(AQUINO, 2006, p. 33).

Com isso, é demonstrada a benevolência de Deus, que se preocupa com a condição humana, proporcionando meios acessíveis para que o homem possa permanecer firmemente próximo do seu criador.

Essas reflexões de Tomás de Aquino se tornam referência para as definições dadas em Trento, “segundo Trento, os sacramentos são sinais de salvação, entregues à Igreja, instituídos por Cristo, constituídos por um elemento criado e pela palavra que a Igreja pronuncia” (ZILLES, 2001, p. 24). Vale trazer presente o pensamento aristotélico, assumido por Tomás de Aquino, em relação à matéria e forma como unidade dos dois elementos. De tal modo

nohilemorfismo aristotélico forma e matéria não são partes separáveis, e, sim constituintes de um todo que se condicionam mutuamente, esse par de conceitos se presta para caracterizar o ato sacramental simbólico como um só evento(NOCKE, 2009, p. 185).

Neste caminho foi se definindo os sacramentos, tanto o conceito, como a fórmulaetc, de maneira que se tem uma norma que garante e defende os sacramentos e sua instituição feita por Cristo. Tudo isso foi definido e proclamado no Concílio de Trento (Cf.DENZINGER,1600-1630).

Por fim, trazemos presente o Catecismo da Igreja Católica onde encontra-se uma boa síntese para a definição do termo sacramento, que nos aproxima da realidade que abordaremos neste trabalho, pois é a definição da Igreja:

A palavra grega misterionfoi traduzida para o latim por dois termos: mysterium e sacramentum. Na interpretação ulterior, o termo sacramentum exprime mais o sinal visível da realidade escondida da salvação, indicada pelo termo mysterium (Catecismo da Igreja Católica, 2000, 774).

Partindo daí, mais adiante, veremos que o grande mistério de Deus é o mistério por excelência da salvação, ou seja, Jesus Cristo.Por ele e pelas obras dele se dá a salvação, e na Igreja é manifestada por meio dos sete sacramentos.

2- PENSANDO OS SACRAMENTOS A PARTIR DO VATICANO II

Conforme Rocchetta(Cf. ROCCHETTA, 1991), a teologia sacramentária desenvolvida no século XVI até próximo ao Vaticano II se preocupou preferencialmente com os pontos doutrinários que eram postos em dúvida pelos reformadores. Quando se recorria aos fundamentos bíblicos era para encontrar os *dictaprobantia*, isso para se opor as teses dos reformadores.

Partindo dessas constatações, os sacramentos muitas vezes foram vistos de maneira incompreensível e até artificial, pois nesse tipo de reflexão o foco era a discussão sobre a forma da instituição e a causalidade dos sacramentos. Centralizando as reflexões sobre esses aspectos, não se enquadravam os sacramentos no contexto da economia da salvação.

No que diz respeito à Igreja Antiga, essa situação não tinha muito peso, pois,

Os documentos do Novo Testamento já registravam e reproduziam o eco dessa catequese bíblica dos sacramentos. Os escritos paulinos estão cheios desses ecos. A primeira epístola de Pedro parece expressão da catequese pós-batistal ministrada aos neófitos. Usando o fundo do êxodo e do mistério pascal de Cristo, o Evangelho de João evidencia toda uma série de importantes símbolos sacramentais(ROCCHETTA, 1991, p. 8).

Neste caminho se pode constatar ainda segundo Rocchetta(Cf. ROCCHETTA, 1991), que o século I e os seguintes foram marcados por uma estrutura similar onde os sacramentos eram vistos como grandes acontecimentos da salvação. Assim as maravilhas de Deus do Antigo e do Novo Testamento eram prolongadas nas ações sacramentais da Igreja. Aqui os sacramentos estavam entres os grandes e fundamentais acontecimentos da existência cristã. A evangelização levava aos sacramentos e eles estavam unidos com a Palavra do anúncio querigmático e da ação catequética.

Com o começo da Idade Média, aconteceu um empobrecimento na relação sacramentos e evangelização. Isso ocorre em consequência da “falta de contato com os livros bíblicos, que representavam a ‘mina’ de alimentação de nossa fé e da nossa esperança” (ROCCHETTA, 1991, p. 9). Com a

pregação medieval que se prezava preferencialmente por um caráter moralista, se separa ainda mais a Bíblia dos sacramentos.

Ainda conforme Rocchetta (Cf. ROCCHETTA, 1991), nessa época vai se produzindo um afastamento cada vez maior entre vida cristã e vida sacramental. Desse modo, começa uma busca cada vez mais intensa por devoções particulares e exercícios de piedade. Isso implicou uma separação entre batismo e missão dos leigos, entre a espiritualidade e a vida sacramental. Tudo isso se deve à separação da Palavra do evento sacramental. O fruto dessa realidade é a 'coisificação' dos sacramentos, que passam a ser pedidos simplesmente por preceitos, como se fossem uma obrigação ou algo mágico, sem levar em conta o envolvimento com a comunidade e a participação na vida de Cristo na Igreja.

Já no século XIX, com o florescer do movimento litúrgico, houve mudanças que ajudam a buscar uma compreensão dos sacramentos que se aproxima mais das fontes patrística e da Bíblia. Isso conduz a uma redescoberta, "sobretudo no contexto global da economia da salvação e da sacramentalidade de Cristo e da Igreja" (ROCCHETTA, 1991, p. 10).

Seguindo essa linha de pensamento, podemos trazer na memória que a partir da *Sacrosanctum Concilium* se trabalha com um novo modo de pensar a liturgia e, conseqüentemente, os sacramentos. Abandona-se, portanto, o método em que a liturgia aparecia como conclusão de um discurso que abordava a natureza do culto de modo religioso e as formas de atuação nas ações litúrgicas.

A nova reflexão da *Sacrosanctum Concilium* situa a liturgia no contexto da revelação, como história da salvação. Com isso, podemos constatar que:

[...] como Cristo foi enviado pelo Pai, assim também ele enviou os apóstolos, cheios do Espírito Santo, não só porque, pregando o Evangelho a todos os homens anunciassem que o Filho de Deus com a sua morte e ressurreição nos livrou do poder de satanás e da morte e nos transferiu para o reino de Pai, mas também para que levassem a efeito, por meio do sacrifício e dos sacramentos, sobre os quais gira toda a vida litúrgica, a obra da salvação que anunciavam (DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II in. SC 6, 1997, p. 36).

Assim, a liturgia e os sacramentos se tornam verdadeiramente a transmissão do mistério salvífico de Cristo. Isto porque “Para realizar tão grande obra, Cristo está sempre presente em sua Igreja, e especialmente nas ações litúrgicas” (DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II in. SC 7, 1997, p. 37). Disso se conclui que Cristo é o agente principal do rito. Ele e a história da salvação são uma coisa só.

Nesse caminho de reflexão que brota a partir do Vaticano II, muitos teólogos tentam mostrar a beleza da relação de Cristo com os sacramentos, apresentando assim o evento da salvação que, por meio dos sacramentos, continua ainda a se realizar na Igreja por mandato do mestre divino Jesus.

Rocchetti relata que muitos teólogos posteriores ao Vaticano II contribuíram muito para a redescoberta dos sacramentos como gestos histórico-salvíficos. Esse processo começou com Odo Casel que “intuíra que não se podia compreender os sacramentos senão como o prolongamento dos mistérios salvíficos da vida de Cristo através dos séculos” (ROCCHETTA, 1991, p. 12).

Essa reflexão não é nova para nós hoje. Já no Concílio Vaticano II, os Bispos do mundo inteiro, sucessores legítimos dos Apóstolos, ensinaram: “A Igreja é, unida a Cristo, como que um sacramento, isto é, um sinal e instrumento da íntima união com Deus e de todo o gênero humano” (DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II in. LG 1, 1997, p. 101).

Como fruto do Vaticano II, (Cf. FORTE, 1996) apresenta um conteúdo no qual é apresentado Jesus Cristo como o sacramento de Deus. De acordo com ele, em Cristo é revelado de maneira sensível o Eterno, e para atingir todos os homens, após sua volta para o Pai, o Senhor Jesus continua sua presença por meio da Igreja, sacramento de Cristo. Com isso a Igreja se torna para os homens lugar privilegiado para o encontro com Cristo no Espírito. Assim se consolida uma forte e eficaz experiência, na qual:

A Igreja celebra e vivencia este encontro entre o Ressuscitado e os seres humanos através de alguns eventos em que essa doação de Deus atinge o íntimo da pessoa e a história da comunidade através

de palavras e gestos realizados em obediência à vontade do Senhor: os sacramentos (FORTE, 1996, p. 5).

Partindo dessa constatação, Forte estende sua reflexão e afirma conclusivamente que “Se Cristo é o sacramento de Deus e a Igreja é o sacramento de Cristo, os sacramentos são a realização mais intensa do encontro com Deus na Igreja” (FORTE, 1996, p. 6).

A partir dessa base, vamos aprofundar essa realidade na qual a Igreja, como sinal vivo e eficaz de Cristo, que, por meio dos sacramentos, continua a alcançar todos os homens para a salvação. Nos sacramentos os homens poderão experimentar o imenso amor de Deus, que é transmitido na vida paixão e morte de Cristo na Cruz em favor de todos os homens.

2.1- IGREJA SACRAMENTO DE CRISTO

No tempo e no espaço os sacramentos se tornam lugares de encontro e de experiência com o Eterno. Neles Deus nos comunica seu amor em uma relação de amizade. Assim, Deus se expressa através de uma linguagem humana, tornando acessível esta experiência a todos os homens.

Nessa linha de pensamento,

Os sacramentos representam, portanto, em nossa vida, pontos de encontro historicamente mais intensos com Deus, lugares concretos em que a eternidade invade o tempo e a nossa vida cotidiana invade a eternidade (FORTE, 1996, p. 13).

A fonte e o centro, dessa sacramentalidade da história da salvação, que continua no tempo e se atualiza por meio dos sacramentos na Igreja, está em Cristo, “Nele, o mundo de Deus e o mundo dos homens se encontram sem divisão ou separação” (FORTE, 1996, p. 15) e Forte acrescenta ainda que Ele é o lugar primordial de encontro com Deus. Cristo é por excelência o sacramento original, onde se expressa e se realiza de maneira mais sublime a aliança dos homens com Deus. Com isso podemos também acolher e entender que o

[...]amor humano e todos os atos humanos de Jesus possuem uma força divina de salvação, a manifestação humana dessa força inclui essencialmente um aspecto de visibilidade concreta dessa salvação: em outras palavras, a sacramentalidade(SCHILLEBEECKX, 1968, p. 21).

Desse modo se pode compreender que nas ações de Jesus em que são manifestadas as graças da redenção divina, Ele “é o Sacramento Primordial pois este homem, Filho de Deus, é querido pelo Pai como o único acesso a realidade da Salvação” (SCHILLEBEECKX, 1968, p. 21), na Sagrada Escritura temos a afirmação de que “há um só Deus, e um só mediado entre Deus e os homens, um homem, Cristo Jesus” (1 Tm 2,5). Sendo assim o ato de ver

no Senhor Jesus o sacramento original significa, antes de tudo, confessar que na pessoa dele nos é oferecida a suprema dádiva do Pai, a certeza de um amor que autoriza a confiar sempre na impossível possibilidade de Deus” (FORTE, 1996, p. 16).

Essa é sem dúvida uma confissão de fé permanente da Igreja, como comenta Borobio (Cf. BOROBIO, 1990), pois a encarnação que está nas linhas dos Evangelhos, que nos orientam e nos conduzem, apresenta nas primeiras páginas que Cristo entra na história humana como um sinal sacramento.

Eis que eu vos anuncio uma grande alegria, que será para todo o povo: Nasceu-vos hoje um Salvador, que é o Cristo Senhor, na cidade de David. Isto vos servirá de Sinal: encontrareis um recém-nascido envolto em faixas e deitado numa manjedoura (Lc 2,10-12).

Borobio (Cf. BOROBIO, 1990) mostra que Cristo é sinal não pelos detalhes do seu nascimento, mas sim por que, por meio dele a salvação toma a figura humana e torna-se visível. Aqui ainda existe a realização de uma promessa de Deus a Israel: “Tomar-vos-ei por meu povo, e serei o vosso Deus” (Ex 6,7), assim acontece em Jesus. Nisso tudo, podemos ver que:

Numa única e mesma pessoa se realiza o chamado divino e a resposta fiel do homem Jesus, que, por sua ressurreição, é o Cristo. Numa pessoa, a aliança, selada com o seu sangue, foi definitivamente concluída. Nele, a graça se tornou totalmente visível (BOROBIO, 1990, p. 298).

Em Cristo, a presença preexistente de Deus no meio dos homens, se faz sacramental, ou seja, se dá de maneira visível e atuante com a graça da salvação, “a comunhão de vida do homem com Deus chega a seu ponto culminante, e a manifestação de Deus, como Salvador” (BOROBIO, 1990, p. 298). O homem se encontra com a sua própria verdade, que é de ser um ser para Deus, e percebe que existe uma porta que possibilita essa aproximação, esta porta é o próprio Cristo, sacramento de Deus, que é o reconciliador entre Deus e os homens.

Sacramento de Deus e sacramento do homem, Cristo é, em si próprio, a aliança de dois mundos, aquele em que o céu e a terra se encontram. Ele é a aliança em pessoa: a abertura de um mundo para o outro[...]Através dele Deus se revela como o Deus para nós e conosco, como aquele Deus amor que livremente escolhe sair de si e se comunicar aos homens a fim de firmar com eles uma aliança de vida eterna. (FORTE, 1996, p. 17).

Em várias reflexões da Igreja pode ser constatada essa verdade, de Cristo como sacramento original, ou seja, sinal visível do amor de Deus, como se encontra aludido nos Prefácios do Natal do Senhor, onde Cristo se aproxima do homem de forma visível para introduzir o homem no amor do invisível.

Isso tudo se torna possível porque, quando o Verbo se faz carne ele assume totalmente a realidade humana. Em Cristo se fundem perfeitamente o divino e o humano. Por conseguinte, Ele é o único capaz de nos comunicar os planos do Pai, de maneira que Ele se torna o canal e fronteira que nos une a Deus. Com isso nós podemos perceber que “Cristo é sacramento pelo seu ser, por sua própria ontologia, por sua presença entre os homens como Filho de Deus” (BOROBIO, 1990, p. 299).

Borobio(Cf. BOROBIO, 1990) continua a relatar que, pelo fato de Cristo ter assumido a natureza humana e, por meio dela, ter mostrado com gestos e ações sacramentais a bondade divina e o seu poder salvador, seus gestos fazem dele um verdadeiro sacramento.

Com isso, é verdade que o encontro com Deus está estreitamente ligado com o encontro com o Filho de Deus feito homem Jesus, presença viva e pessoal de Deus entre nós para nos salvar. Ele, que entrou uma só vez na

nossa história, no nosso mundo, no nosso tempo, porém veio para todos, em todos os tempos e deseja tornar-se presente a todo instante e estar bem perto de todos. Por esse motivo ele instituiu a Igreja.

Assim, a Igreja, com os seus sacramentos, será o prolongamento terrestre do corpo do Senhor, o primeiro sacramento pelo qual se torna presente, em visibilidade histórica, o dom escatológico de Cristo ressuscitado (BOROBIO, 1990, p. 299).

Assim podemos perceber como relata Rocchetta (Cf. ROCCHETTA, 1991), que o tempo entre a primeira e a segunda vinda de Cristo é o tempo da Igreja, tempo esse em que as maravilhas divinas da salvação se dão na Igreja por meio dos sacramentos.

Rocchetta (cf. ROCCHETTA, 1991) também critica a posição de alguns que veem o tempo da Igreja mais num sentido institucional, do que como uma história viva, em que a salvação continua acontecendo por meio dos sacramentos na Igreja. Esse é um tempo onde se dá a continuidade da salvação que Cristo realizou. Quanto a isso, podemos perceber na seguinte afirmação:

O tempo da Igreja não é tempo diferenciado tempo de Cristo: é precisamente a proclamação, a continuação e a transmissão aos homens de todos os tempos e de todos os lugares daquilo que Cristo realizou uma vez por todas (ROCCHETTA, 1991, p. 161).

Uma coisa é verdade, a Igreja sozinha não poderia fazer nada,

mas embora não sobreponha a Cristo, a Igreja é o 'sinal' e o 'instrumento' através dos quais ele chama os homens à salvação e transmite de modo eficaz a sua graça divina (ROCCHETTA, 1991, p. 161).

Por ser sinal de Cristo a Igreja se volta constantemente para ele e, em seu ato de contemplar aquele que é seu fundador, a Igreja acaba por refletir a sua luz. Portanto, a luminosidade da Igreja é irradiada, de modo eficaz, sobre os homens de todos os tempos e lugares, pois não irradia luz própria, mas a luz do Cristo Salvador.

Através da graça prometida e enviada pelo Mestre e cumprindo a missão dada por Ele, a Igreja é assistida e autorizada a levar a salvação de Cristo a todos os homens, por meio dos gestos, sinais e palavras que por Ele foram

proferidas e que, hoje proferida pela Igreja, atualiza a salvação na vida de cada homem.

Outras coisas devem ser assumidas e entendidas neste tipo de reflexão. Uma delas é que em Jesus, com toda certeza, houve o cumprimento da história, mas não o seu fim. Entretanto, com sua vinda ao mundo se dá a inauguração dos seus mistérios:

o glorioso estar sentado à direita do Pai, o envio do Espírito Santo e o nascimento da Igreja, o anúncio e a difusão da salvação a todos os homens por meio dos sacramentos, à espera da escatologia definitiva” (ROCCHETTA, 1991, p. 161).

Dessa maneira, já não se espera um novo evento salvífico, pois, ao mesmo tempo, o evento escatológico é começo e espera, é um ‘já’ e ‘ainda não’. Isso acontece

porque a redenção do mundo está realizada e Cristo encontra-se presente na história; espera, porque o mistério da salvação na história ainda deve se revelar em todo o seu alcance e estender-se a cada homem(ROCCHETTA, 1991, p. 161).

O tempo da igreja está todo voltado para esse momento, quando todos os homens serão alcançados. Momento este que se dará na *parusia*, que é a realidade final escatológica, ali haverá a “plena manifestação daquilo que se realizou objetivamente em Cristo e está presente na Igreja e nos sacramentos”(ROCCHETTA, 1991, p. 162).

Daí também se pode constatar, conforme Rocchetta, que os sacramentos “estendem a cada homem o Mistério Pascal de Cristo, fazendo-o dele participar, mas nada acrescentam ao evento central da história. São apenas o seu desdobramentos e atualização em todos os tempos e lugares” (ROCCHETTA, 1991, p. 163).

Desse modo, enquanto dura nossa peregrinação rumo à Pátria Celeste, a Igreja é o ambiente por excelência do encontro do ser humano com Deus, lugar onde o homem pode beber e se embriagar da salvação que vem de Cristo, pois “A igreja é também antecipação da eternidade, Reino de Deus já iniciado na história, embora ainda encoberto com um véu e sem a plena realização da glória” (FORTE, 1996, p. 6).

Em tudo isso podemos ver e confirmar que a Igreja é sacramento, sinal eficaz e real da presença de Cristo na história. Ela é Cristo continuado, corpo de Cristo crucificado e vivificado pelo Espírito na Ressurreição. A tal ponto que, no Concílio Vaticano II, os Bispos do mundo inteiro, sucessores dos Apóstolos, ensinaram e anunciaram que: “A Igreja é, unida a Cristo, como que um sacramento, isto é, um sinal e instrumento da íntima união com Deus e de todo o gênero humano”(DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, in: LG1, 2007, p. 102).

Assim, o homem vivencia o evento salvífico, que se dá na Igreja, que é Corpo do Ressuscitado e templo do Espírito Santo, por meio dos sacramentos. Portanto, podemos constatar a “importância que tem os sacramentos tanto para os que procuram a Deus como para aqueles que, já o tendo encontrado, desejam conhecê-lo e amá-lo cada vez mais” (FORTE, 1996, p. 6).

Por fim como o próprio catecismo da Igreja diz, a Igreja comunica aquilo que o Senhor fez dela, ou seja, Corpo de Cristo, sendo assim, com Cristo, que é a cabeça desse corpo, e, por meio dos sacramentos, que são sinais e instrumentos pelos quais o Espírito difunde a graça de Cristo, a Igreja ajuda os homens a permanecer no estado de íntima união com Deus.

3 - SACRAMENTOS DA IGREJA

O plano divino intenciona tornar o homem partícipe de sua divina condição, que Deus em seu infinito amor, desde a eternidade possui um grandioso projeto, que tem por objetivo levar a criatura racional a um fim que excede toda e qualquer força natural. Para isso, a ajuda necessária é oferecida, isso por meio da “graça e as virtudes infusas dela derivadas” (SADA et MONROY, 1991, p. 13). Essa graça vem de Cristo, e no nosso tempo ela passa pela Igreja que é Corpo do Ressuscitado, nela Cristo se faz presente e atuante por meio dos sacramentos.

Após o Vaticano II, como vimos no capítulo anterior, existe uma reflexão muito bem desenvolvida, em que se percebe essa atuação real de Cristo, que revela o amor do Pai. Como veremos, isso ocorre no ambiente eclesial, por meio dos gestos e palavras de Cristo nas ações sacramentais pela Igreja realizadas.

Forte, falando sobre os sacramentos da Igreja, inicia sua abordagem citando Jesus que lança aos discípulos de João o seu convite: “Vinde e vede”(Jo 1,38). Tais discípulos, André e João haviam perguntado Jesus onde Ele morava. Para Forte (cf. FORTE, 1996), a Igreja faz o mesmo convite para todos que querem conhecer o Senhor. Entretanto, esse convite não é feito apenas para ver Jesus na convivência fraterna dos cristãos, mas sim para o ver vivo e operante naqueles elementos da graça pelos quais Ele próprio escolheu para se fazer presente no meio de nós, a saber, os sacramentos.

Por meio dos sacramentos, Cristo, na Igreja, vem ao encontro das necessidades de todos os homens, assistindo-os e salvando-os, devolvendo a todos o estado da graça que nos faz próximos dele.

Nessa perspectiva os sacramentos “são um ato pessoal de salvação, realizado por Cristo celeste em sua Igreja e por ela” (SCHILLEBEECKX, 1968, p. 89). Portanto, o Cristo se faz presente na comunidade eclesial, que é seu corpo, de tal maneira que, “nos sacramentos da Igreja, o Ressuscitado atinge nossa vida com o seu poderoso amor, doando-se de forma sensível através de gestos e palavras” (FORTE, 1996, p. 25).

Pela ação dos ministros nos sacramentos, é o próprio Cristo quem prega a Palavra de Deus, a faz compreensível aos irmãos e irmãs, e administra os sacramentos da fé aos fiéis que desejam experimentar um encontro pessoal e salvífico com Ele, a tal ponto que podemos compreender que:

A missão que Cristo confiou à Igreja é, ao mesmo tempo, missão de anúncio e de atualização sacramental do mistério da salvação: 'Ide por todo o mundo, proclamai o evangelho a toda criatura. Aquele que crer e for batizado será salvo; o que não crer será condenado' (Mc 16,15-16; Mt 28,19-20) (ROCCHETTA, 1991, p. 186).

Segundo Rocchetta (Cf. ROCCHETTA, 1991), o anúncio é primordialmente obra da Igreja, pois a ela Cristo confiou o anúncio da Boa Nova. Deste modo a Igreja envia aquele que anuncia, e este transmite o depósito da fé, que é o Mistério Pascal. Tal mistério convoca a todos para a fé e a vida nova em Cristo. Por conseguinte, segundo esta lógica, os sacramentos possuem algo de extraordinário e tem uma função especial.

Os sacramentos realizam e transmitem tudo o que a pregação proclama e ensina. Nesse nível, o sentido do anúncio é essencialmente o de dizer 'hoje' Deus se torna presente nos sacramentos e 'hoje' transmite ao homem a salvação pascal. O anúncio, portanto, é convite ao sacramento, convite ao batismo no querigma, convite aos outros sacramentos na catequese e na homília (ROCCHETTA, 1991, p. 186).

Dentro dessa perspectiva, a palavra da fé nos encaminha para os sacramentos. O ecoar dessa palavra de fé nos convida para ir ver Jesus e ter com Ele uma experiência de salvação e amor, um verdadeiro encontro pessoal do eu humano com o Tu divino de Jesus, que, nos sacramentos da Igreja, celebrados em âmbito comunitário, gera o 'nós'.

Como ainda nos diz Rocchetta (Cf. ROCCHETTA, 1991), na liturgia da Igreja o anúncio da palavra precede a liturgia sacramental, de tal forma que se anuncia a promessa por meio da palavra do Senhor, e depois, por meio da ação sacramental, se realiza na pessoa a ação de Cristo e, com isso, a promessa da salvação vai acontecendo na vida de cada pessoa.

Assim a igreja em sua ação sacramental, 'cumpre sua missão com a proclamação da palavra de Deus e com os sete sacramentos, que são atos e eventos privilegiados, aos quais Cristo atribui a eficácia singular de transmitir sua própria vida aos homens. Assim, há estreita correlação entre o que constitui a igreja e a faz existir como corpo de Cristo e o que a Igreja é enviada a executar entre os homens, entre a sua misteriosa realidade humano-divina e a sua missão salvífica. E

pode-se afirmar, sem dúvida, que a Igreja revela sua verdadeira face quando anuncia a palavra de Deus e celebra os sacramentos (ROCCHETTA, 1991, p. 186).

Nesse sentido, é clara a convergência que existe entre o ato da proclamação da palavra e ação sacramental propriamente dita, que comunica o mistério da salvação na vida do fiel que recebe os sacramentos. São dois momentos intrinsecamente conectados um conduz ao outro.

3.1 - A IGREJA CELEBRA E FAZ OS SACRAMENTOS

Sabendo que “a Igreja é em Cristo como que o sacramento isto é, sinal e instrumento, da união íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II in. LG1, 1997, p.102), deve ela celebrar a festa da comunidade por meio dos sacramentos, para mostrar a sua visibilidade enquanto corpo de Cristo e povo de Deus, que, por mandato do mestre divino, é chamada a ser luz para o mundo.

Sendo assim, os sacramentos, reconhecidos como graça do seguimento de Cristo no aqui e agora da salvação atualizada que se dá na Igreja, que ocorre como manifestação do próprio Cristo nas ações da Igreja peregrina, precisam ser celebrados em nome do Senhor pela comunidade eclesial. Do contrário “não é possível valorizar os *kairó* como momentos de graça, frutos da redenção operada em e por Cristo” (TABORDA, 1987, p. 144).

Taborda ainda relata que, para se fazer a festa, não basta valorizar um acontecimento em si, ou realizar um gesto simbólico qualquer, mas, na verdade, é necessário ter uma comunidade que valorize o evento celebrado. Com toda certeza, o evento é superior à festa, ele por si é suficiente, mas, para que os convidados possam ser afetados por ele, é necessário que se reúna e o celebrem o evento Cristo. No caso dos sacramentos, é preciso de “uma comunidade que o valorize como presença e atuação de Deus pelo Espírito do Ressuscitado” (TABORDA, 1987, p. 144). Esse tipo de valorização é possível se dar e experimentar na Igreja, corpo de Cristo e Povo de Deus.

Essa afirmação acima se torna clara e visível pelas celebrações, pois, de um modo geral, o ato de tomar banho pode significar muitas coisas ou somente simples limpar de um corpo material, mas na comunidade “cristã significa e recorda a participação no Mistério Pascal de Cristo” (TABORDA, 1987, p. 145). Nisso tudo podemos confirmar que sacramento “não é uma teoria, mas algo concreto que, por meio do elemento visível e sensível, comunica o sustento e a força da graça” (SANTORO, 2004, p. 69). Assim o sacramento torna visível hoje a realidade salvadora, comunicando a graça de Deus que tem sua origem na humanidade de Jesus.

Essa colocação nos dá uma clareza para entendermos que o gesto simbólico na comunidade cristã é ressignificado e traz presente uma realidade salvadora. No caso do banho, este não perde o sentido de limpeza, mas é elevado a um nível superior onde significa e realiza a purificação dos pecados e a inserção da pessoa no Mistério Pascal de Cristo, que é o ato pelo qual Cristo consumou a salvação de todos os homens e inaugurou o tempo da nova Redenção.

Consequentemente, Taborda afirma que sem a Igreja não existe sacramento, pois é pela comunhão da comunidade e pela fé no Senhor Ressuscitado que se celebram os sacramentos com sua eficácia salvadora:

O sacramento é sacramento, porque a Igreja, comunidade dos que crêem no Senhor Ressuscitado, celebra o fato como ação e presença de Deus em Cristo na história humana por seu Espírito (TABORDA, 1987, p. 145).

Neste sentido existe uma bela relação onde o visível é tocado pela graça invisível, e esta é uma ação constitutiva da realidade da Igreja e a realidade dos sacramentos. Esses dois instrumentos de ação salvadora brotam da mesma fonte, que é o próprio Cristo, e juntos se completam em favor da união de Deus com os homens.

Os sacramentos são ‘da igreja’ no duplo sentido de que existem ‘por meio dela’ e ‘para ela’. São ‘por meio da Igreja’, pois esta é o sacramento da ação de Cristo operando em seu seio graças à missão do Espírito Santo. E são ‘para a Igreja’, pois são esses ‘sacramentos que fazem a Igreja’, com efeito, manifestam e comunicam aos homens, sobretudo na Eucaristia, o mistério da comunhão do Deus amor, uno em três pessoas (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2000, 1118).

Dentro dessas reflexões, podemos evidenciar que a melhor forma de entendermos o sacramento é partindo da noção de sacramento com o mesmo sentido bíblico do *mysterion* já abordado anteriormente.

Nesse preciso sentido, o *mysterion* se caracteriza como evento, como fato histórico-salvífico. Sua origem está na Santíssima Trindade, e seu desenvolvimento na criação, na história de Israel até culminar no evento de Cristo e depois na Igreja. O mistério se caracteriza como manifestação histórica da ação gratuita e poderosa de Deus (SANTORO, 2004, p. 70).

Assim, Cristo, como ápice da história da salvação, se comunica na Igreja num encontro totalmente humano e divino, pois em tudo que se realiza por meio dos sacramentos como sinais visíveis, está a realidade invisível que é carregada por um tom e por um sentido divino, que é a graça de Deus que nos assiste rumo ao encontro definitivo com o amado. De tal maneira, se observa que a “realidade humana tocada pela graça do Espírito é a modalidade por meio da qual Jesus se comunica, se torna evento para as pessoas que vivem ao longo dos séculos” (SANTORO, 2004, p. 73).

Em tudo isso, fica claro que na Igreja é que têm sentido os sacramentos como realidade salvífica. Mas agora devemos também observar algo que mostra mais profundamente essa união que existe entre Igreja e sacramentos. Com essa motivação Taborda diz que: “a Igreja precisa dos sacramentos que celebram a gratuidade do ser Igreja, para viver, para receber a clorofila da graça visibilizada e como tal proclamada” (TABORDA, 1987, p. 150). Diante disso é evidente que o princípio dessa relação é Cristo, pois é Ele quem faz a Igreja seu corpo, como também os sacramentos como suas ações na Igreja.

Os sacramentos fazem a Igreja de uma maneira que cuida dela e a mantêm sempre viva e ativa para o seu Mestre e Senhor. Isso fica evidente pelas ações e eficácia de cada sacramento.

O batismo e a confirmação agregam à Igreja. A penitência reconcilia o pecador com a Igreja. A ordem designa uma pessoa para o serviço da comunidade eclesial. A unção dos enfermos une o cristão enfermo à Igreja através da intercessão da comunidade. O matrimônio constitui homem e mulher em ‘eclesíol’ doméstica, cria uma família no seio da comunidade. A eucaristia torna visível o que é ser igreja: comunhão faterna em torno ao Cristo presente e a partir dele (TABORDA, 1987, p. 150).

Assim, os sacramentos constroem a Igreja, de maneira que ela, enquanto Corpo Místico de Cristo continua ativamente sua missão e atuação em meio aos homens, buscando-os e alcançando-os de maneira eficaz. Sendo ela assistida pelo Espírito, 'alma da igreja', que lhe foi enviado pelo Senhor Ressuscitado, que prometera aos seus discípulos não deixá-los órfãos, mas que enviaria sobre eles o Espírito da Verdade, que lhes diria todas as coisas (cf. Jo 14,10-20), ela não está só, mas fortalecida pela sabedoria e poder de Deus. Por todas essas razões, podemos, convictos proclamar e anunciar que toda ação sacramental realizada pela Igreja é ação do Cristo que se entrega ao Pai por meio do Espírito.

Daí fica latente a necessidade que se tem de a Igreja apresentar os sacramentos, não como ritos vazios ou simplesmente lembrança do passado, mas como realidade presente capaz de comunicar uma força transformadora para a realidade atual, pois os sacramentos são expressões de fé, de união da graça e da bênção de Deus, que nos leva a comprometer-nos cada vez mais com nossos irmãos, de tal maneira que nos fazem crescer na capacidade de servir e transformar a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O termo *sacramentum* usado pelos gregos remetia aos cultos secretos de que participavam. Já em outros grupos, referia-se aos atos introdutórios de determinado grupo religioso. Nesse caminho pudemos ver no início deste trabalho a relação do termo *mysterion* e *sacramentum* com os atos religiosos de alguns grupos, mostrando as realidades divinas inacessíveis ao homem, por meio de gestos humanos privilegiados, sobretudo gestos rituais, os quais fazem as graças divinas serem perceptíveis e visíveis.

Não são diferentes as abordagens apresentadas no contexto bíblico em relação à graça divina, que, por meio de sinais torna visível e sensível a ação de Deus e sua relação com o homem. No Antigo Testamento, as grandes intervenções de Deus que, por meio de sinais maravilhosos, se mostram atuantes na vida do seu povo, salvando-os e libertando-os para que possa se realizar e ser feliz junto com a seu Criador, numa relação de fidelidade. Para que isso aconteça, Deus usa de vários sinais e instrumentos que fazem presente sua ação salvífica.

No contexto neotestamentário fica evidente que o grande sinal e mistério de Deus é o seu próprio Filho, Jesus Cristo, que, por meio de suas palavras e ações, apresenta de maneira clara aquilo que Deus faz no homem. Nos atos de Jesus encontramos um caráter sacramental, pois esses gestos, que na simplicidade de uma cura ou mesmo no perdão dos pecados, são ações salvadoras, Ele, que é verdadeiramente Deus e sacramento por excelência nos revela o Pai, nos mostra nessas ações, de maneira concreta, que Deus corporalmente se volta para os homens.

Essa experiência revela toda a realidade sacramental, de tal maneira que nos sacramentos o homem pode encontrar-se com o sagrado de modo direto, pois o rito, por meio da matéria e da forma, realiza o que significa. Portanto, por traz do véu da matéria, o sagrado se faz presente e realiza as maravilhas de Deus. Essa realidade não fica presa necessariamente em Jesus, pois, como vemos no Novo Testamento, percebe-se que a missão de Cristo é transferida para os seus discípulos. O próprio Cristo envia e delega os discípulos para ir e fazer a realidade salvadora do Reino chegar a todos os

homens, porém, como seus enviados, de maneira que, por meio dos discípulos e pela ação do Espírito, o próprio Cristo se faz presente e continua levando a realidade da salvação a todos os homens.

Diante de tudo o que já foi abordado, percebe-se que não existe outro termo que possa melhor traduzir o termo sacramento que o termo *mysterion*. Isso ocorre porque este reflete toda a realidade sagrada que é manifestada por meio de sinais visíveis e palpáveis. Através da fragilidade desses sinais é que Deus quis se fazer presente para transmitir de forma humanamente acessível a eficácia de sua salvação, que o homem deseja e de que necessita. Essa salvação é tanto para os primeiros homens que encontramos relatados no contexto bíblico, como para os de hoje e os que ainda hão de vir.

Partindo daqui, podemos entender o que realmente é a manifestação de Cristo na vida da Igreja, por meio dos sacramentos, pois a Igreja é sacramento de Cristo que é sacramento do Pai, e por meio dos sacramentos realizados pela Igreja encontramos e experimentamos as manifestações de Cristo na vida da Igreja em favor dos filhos de Deus.

Por meio dos gestos simples dos sacramentos, encontramos o ser da Igreja. Ali se pode ver que Ela é sacramento de Cristo, pois nos sacramentos realizados por Ela, podemos ver que é o lugar por excelência da ação da Igreja e do encontro com Deus. Ou seja, os sacramentos são um modo de encontro em que se pode experimentar e se deixar tocar por Deus.

Concluindo este trabalho, encontra-se essa convicção, pois a partir das reflexões apresentadas e de outras aqui abordadas, vê-se que a generosidade de Deus sempre acompanha o homem. Desde o início, Deus vem por meio de sinais visíveis mostrar a beleza de seu amor e seu interesse de se comprometer com os homens, suas criaturas muito amada.

Em Jesus temos a plena realização e manifestação deste amor que não é sentimento, mas compromisso e fidelidade da parte daquele que cria e que, no imenso mistério do seu amor, cuida e mantém suas criaturas, dando a elas também seu auxílio, para que elas possam junto com Ele viver e se realizar.

O mistério é um modo belo de entender que Deus continua agindo, e que, mesmo sem que nós o vejamos, faz aquilo de que precisamos. Porém, atento as nossas limitações humanas, estabelece meios para que nós o possamos sentir e agir.

Como já falamos em Jesus se deu plenamente a manifestação do mistério do amor de Deus e, como exigência deste amor que não desampara, mas que sustenta e conduz o seu povo. Assim, Cristo instituiu a Igreja e nela continua sua ação salvadora e libertadora através dos sacramentos, que são sinais visíveis da manifestação Dele na Igreja. Desse modo, o amor salvador do Pai em Cristo, pela ação do Espírito, continua de maneira eficaz a realizar a salvação e unir os homens com Deus.

Por meio de tais modos em que o Eterno entra no tempo e se relaciona com a humanidade, é empolgante ver e entender a relação entre a Igreja e os sacramentos, de maneira que a Igreja, sendo Corpo de Cristo, e os sacramentos, ações de Cristo, nessa relação podemos perceber que um existe em prol do outro, porque assim foi da vontade do Senhor.

Diante disso, vê-se a necessidade que temos, enquanto Igreja, de anunciar e manifestar com mais convicção e clareza as maravilhas de Cristo na vida da Igreja e que por ela são realizadas. De tal maneira, por meio dos sacramentos, que fazem a Igreja e pela Igreja sacramento de Cristo, temos o prolongamento terrestre do Corpo do Senhor ao longo do tempo e da história, salvando e alcançando a todos os homens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADRIANO, José. *Sacramentologia Fundamental: do mysterion ao Sacramentum*. 2011. In <<http://conegoadriano.wordpress.com/2011/08/19/sacramentologia-fundamental-do-mysterion-ao-sacramentum/>>, acesso em 25 outubro 2012.
- AQUINO, Tomás. *Suma Teológica*. Vol. 9. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- BELLOSO, Josep M. Rovira. *Os Sacramentos: Símbolo Do Espírito*. Trad. Thiago Gambi. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2008.
- BOROBIO, Dionisio. *Da Celebração à Teologia: que é um sacramento?* In BOROBIO, Dionisio (org). *A Celebração Na Igreja: Liturgia e Sacramentologia Fundamental*. Vol. 1, Trad. Adail U. Sobral. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1990.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA: edição típica vaticana. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- COSTA, Paulo Cezar, Org. *Sacramentos E Evangelização*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2004.
- DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de e moral*. 2º ed., São Paulo: Paulinas, Edições Loyola, 2003.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II*. 4ª ed., São Paulo: Paulus, 2007.
- EICHER, Peter. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia / Peter Eiches*; tradução João Rezende Costa. São Paulo, SP: Paulus, 1993.
- FORTE, Bruno; Trad. Georges I. Maissiat. *Introdução Aos Sacramentos*. São Paulo, SP: Paulus, 1996.
- FERNANDEZ, Pedro; MALDONADO, Luis. *A Celebração Litúrgica: fenomenologia e teologia da celebração*. In BOROBIO, Dionisio (org). *A Celebração Na Igreja: Liturgia e Sacramentologia Fundamental*. Vol. 1, Trad.: Adail U. Sobral. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1990.
- MISSAL ROMANO*. 10ª ed. São Paulo: Paulus, 1992.
- NOCKE, Franz-Josef. *Doutrina Geral dos Sacramentos*. In: Theodor Schneider (org). *Manual De Dogmática*. Tradutores Ilson Kayser, Luís Marcos Sander e Walter Schlupp. 4ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- ROCCHETTA, Carlo. *Os Sacramentos Da Fé: Ensaio de teologia bíblica sobre os sacramentos como maravilhas da salvação no tempo da Igreja*. São Paulo, SP: Paulinas, 1991.

SANTORO, Filippo. *A Igreja como Sacramento: símbolo, memória e evento*. In COSTA, Paulo Cezar (org). *Sacramentos e Evangelização*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

SCHILEBEECKX. E. Trad. Rose Marie Muraro. *Cristo Sacramento do Encontro com Deus*. 2ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1968.

TABORDA, Francisco, S.j. *Sacramentos, Práxis e Festa*. Para uma teologia latino-americana dos sacramentos. Serie: IV: A Igreja Sacramento De Libertação, Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

ZILLES, Urbano. *Os Sacramentos da Igreja Católica*. 2ª ed., Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2001.